

Eu vejo outra nação, outra língua, outro tudo

Entrevista com Heloisa Teixeira¹, realizada em 6 de novembro de 2023.

Entrevistadoras: Analu Cunha² Ana Emerich³ Cristina Salgado⁴ e Inês de Araujo⁵

Resumo: A entrevista percorre momentos-chave da trajetória de Heloisa Teixeira, de sua produção crítica, de seu ativismo feminista e de sua defesa de uma cultura mais inclusiva. Acompanha igualmente a voz e a escuta radicalmente afetivas e políticas de uma mulher que se considerava historiadora do agora. Em *Eu vejo outra nação, outra língua, outro tudo* Heloisa compartilhou com o número Mulheres da revista *Concinnitas* seu olhar visionário instalado na urgência do presente e na produção de um território por vir.

Palavras-chave: *Feminismo. Ativismo. Cultura contemporânea.*

I see another nation, another language, another everything

Abstract: The interview traces keymoments in Heloisa Teixeira's trajectory, her critical production, her feminist activism, and her advocacy for a more inclusive culture. It also captures the radically affective and political voice and listening of a woman who regarded herself as a historian of the present moment. In *I see another nation, another language, another everything*, Heloisa shares with the *Concinnitas* journal's Women issue her visionary gaze, grounded in the urgency of the present and the creation of a territory yet to come.

Keywords: *Feminism. Activism. Contemporary culture.*

1 Heloisa Teixeira, uma das principais vozes do feminismo contemporâneo no Brasil, foi ativista, escritora, pesquisadora e professora emérita da UFRJ e a décima mulher a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras (ABL). Sua vasta obra inclui títulos como *Cultura e participação nos anos 60* (1984), *26 poetas hoje* (1976), *Explosão feminista* (2018) e *Pensamento feminista Brasileiro* (2019).

2 Analu Cunha é artista, curadora e professora adjunta do Departamento de Linguagens Artísticas (DLA/IART) e da linha de pesquisa Arte, Experiência e Linguagem (PPGArtes) na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – R. São Francisco Xavier, 524 – Maracanã, Rio de Janeiro – RJ, 20550-013. E-mail: analucunha@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4955-8067>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/9561161596749588>. Rio de Janeiro, Brasil.

3 Ana Emerich é artista visual e sonora, com pesquisas que articulam imagem, perspectivas conceituais, escuta, gravação de campo, escrita e práticas de arquivo no território da arte contemporânea e das questões ambientais. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/PPGArtes). Bolsa Capes PDSE – Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne (EAS). E-mail: anapaulaemerich@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2423-906X>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/8072299031755796>.

4 Cristina Salgado é artista plástica e professora titular do Instituto do Departamento de Linguagens Artísticas (DLA/IART) e da linha de pesquisa Arte, Experiência e Linguagem (PPGArtes) na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – R. São Francisco Xavier, 524 – Maracanã, Rio de Janeiro – RJ, 20550-013. E-mail: cristina4salgado@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4557-3000>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/0913585409953676>. Rio de Janeiro, Brasil.

5 Inês de Araujo é artista, pesquisadora e professora adjunta do Departamento de Linguagens Artísticas (DLA/IART) e da linha de pesquisa Arte, Experiência e Linguagem (PPGArtes) na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – R. São Francisco Xavier, 524 – Maracanã, Rio de Janeiro – RJ, 20550-013. E-mail: ines.arj@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7056-1386>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/2689541605877857>. Rio de Janeiro, Brasil.

Inês de Araujo: Heloisa, ficamos muito em dúvida sobre como começar, porque são muitas as questões em volta de todo o seu trabalho. Não sabíamos se começávamos por Heloisa Teixeira ou Heloisa Buarque de Hollanda. Ficamos pensando que esse percurso de uma para a outra, esse seu gesto tão importante quanto o campo de pesquisa que se institui com seu trabalho, teria uma conversa com essa grande bandeira do feminismo “O pessoal é político”. Ficamos com isso na cabeça.

Heloisa Teixeira: Da passagem de uma para a outra?

IA: É, como é que isso anda?

HT: Eu acho que foi devagarzinho. Comecei a achar meio inadequado, ficar com o nome de outra pessoa. Era uma coisa que eu deveria ter feito quando eu me separei. Ou quando eu me casei. Mas quando eu me casei essa questão não se colocava. Em 1960 ainda não tinha nem divórcio. Então essa questão não existia. Depois, quando eu me separei, foi uma separação complicada, uma separação de quem ia voltar. Então eu acabei ficando, mas com o tempo eu fui começando a sentir um certo mal-estar. Principalmente nestes últimos tempos, que eu trabalhei muito com as mulheres negras, com as mulheres da favela, mas muito mesmo. E eu sempre via aquela linhagem matrilinear tão bonita, tão segura, da parte da minha avó, da minha tataravó, porque na favela não tem homem, eles não bancam a família, quem trabalha é a mulher. A maior parte dos lares é sustentada pela mulher. Tem muito de ter um filho, largar e ir embora. Então é muita casa vazia e muita casa sustentada por mulher. A coisa da mãe é uma coisa muito grande, muito enorme na cabeça de todos, (interrupção, barulho de obra) não tem problema não?

Ana Emerich: Depois damos um jeito, vai no seu fluxo. Tudo bem, assumimos que faz parte do contexto. Tem esses sons todos da cozinha, do servindo a água, o barulho da obra, isso é da vida também.

HT: Eu me impregnei muito dessas mulheres, da coisa da mãe muito forte. No meu caso sempre foi o pai que foi muito forte, e a mãe era silenciosa, a mãe não decidia nada. E aquilo foi entrando pela minha cabeça, à medida que eu comecei a me sentir mais desconfortável com o Buarque de Hollanda. Um nome, aliás, muito pesado, um nome glorioso. Não é qualquer nome, então ele pesa muito, não sendo meu, se fosse meu tudo bem. Mas não sendo meu, dava a ideia de roubo. Eu utilizei muito esse

nome no começo da carreira, claro, não conscientemente, mas é óbvio que ajudou muito.

IA: São épocas diferentes também.

HT: É, mas minha época é a época em que o Chico apareceu, quer dizer, 1960. Então foi um nome que ajudou muito, não estou cuspiendo no prato que comi. Mas teve uma hora que estava de bom tamanho, e eu quis mudar para o nome da mãe, não do pai.

Analú Cunha: Pois é, eu tenho uma pergunta pegando esse gancho, que é sobre o lugar de fala. Você mudou de lugar de fala.

HT: Mudei, mudei.

AC: E como é que foi isso? Passar do Buarque de Hollanda para o Teixeira.

HT: Total, total. Passei para um lugar de fala muito matrilinear, muito mais feminino, muito mais feminista do que aquela do marido e do pai protetor. E abrir mão disso muda bastante. Daí foi bom. Já tinha quatro anos que eu estava com essa ideia de mudar.

AC: Transicionando.

HT: É, mas não pegava. [Risos.] Então teve uma entrevista, quando fui eleita para a academia. Nesse momento é que pintou para mim, porque já estava há quatro anos. Dentro da faculdade eu já era Teixeira, mas não pegava para fora.

IA: E na academia você já era Teixeira?

HT: Não, é porque teve uma matéria muito grande sobre a mudança de nome, às vésperas, tanto que o presidente falou “Ganhou a Buarque e estou empossando a Teixeira”. Aquilo foi um factóide qualquer que jogou o nome para o mundo. E hoje é incrível. Eu recebo convite da USP, por exemplo, nada a ver, a USP não tinha que saber disso, outro ambiente, outro lugar, à professora Teixeira. Tudo é professora Teixeira. De lugares tão estranhos, que eu achei que não ia chegar lá. Pegou. Eu acho que pegou por essa conjuntura da academia.

IA: Interessante como se aproxima conceitualmente dos problemas com os quais você trabalha.

HT: Ah, sim, certamente. Foi uma vida inteira querendo sair disso. Quem me deu o empurrão foi minha nora. Estávamos na fazenda e tinha o retrato de um brasão, Buarque de Hollanda, ela também não é Buarque de Hollanda. Ficamos olhando para aquilo e falando nada a ver, nada a ver, daí ela disse muda de nome, porque ela já não tem esse nome. Daí ela disse muda o seu, muda o seu, tira isso, tira esse brasão fora. Daí eu tirei. Mas é o que eu estou dizendo, demorou muito para pegar. Parece que foi uma coisa de agora, mas não foi não, é que ninguém tinha ouvido. Ouviu com essa conjuntura da academia. Teve muita matéria.

AC: Sua nora é a Adriana Varejão?

HT: É, mas ela não tem Buarque.

AE: E talvez possamos pensar que ainda existe algum balanço entre esses dois nomes, e fazer talvez um paralelo entre os livros, o *26 poetas* e *As 29 poetas hoje*.¹

HT: 29 é Teixeira.

AE: A minha pergunta é a partir de uma frase sua que eu escutei nos muitos vídeos que temos a sorte de escutar você falando sobre o lançamento de *As 29 poetas hoje*, e que você diz que a poesia das poetas desse livro é maior que uma mensagem política. Daí eu gostaria que você comentasse um pouco mais essa ideia.

HT: Ah, sim, porque essa poesia nova, assim como as novas artistas também, mulheres, elas estão muito engajadas, as poetas todas. E elas trouxeram uma coisa muito interessante para a poesia nova, que é o assunto de mulher. Nunca teve. Sempre diziam o que era o estilo feminino: a delicadeza, mesmo o palavirão, era sempre uma coisa formal. Mas o assunto, Ana Cristina Cesar, até falou sobre isso. Não existia ainda o assunto de mulher na poesia. E ela não fez, a Ana Cristina, não botou nunca um assunto de mulher. Era angústia, segredo, ia pra lá vinha pra cá, mas não

1 Ver *As 29 poetas hoje*, org. Heloisa Buarque de Hollanda. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, e *26 poetas hoje*, org. Heloisa Buarque de Hollanda. São Paulo: Companhia das Letras, 1976.

botava. Se você abrir *As 29*, você vai ter menstruação, aborto, tudo, tudo que tem direito. Parto... Vai ter isso em grande escala e forte. O do parto é minha paixão. O do parto é uma doula de vacas, excelente poeta, que descreve um parto de uma vaca, um bezerro que vem e arrebenta a vaca, completamente, e aí ela descreve esse parto violentíssimo. É um pouco o que os bebês fazem com as mães, arrebentam menos, fisicamente, mas a vida pa-pum [risos], arrebenta total, muda para outro departamento. Não passa batido.

AE: Sim, talvez pensando nessa ideia de extrapolar, este último livro, *As 29 poetas*, traz também um gesto que extrapola a escrita no papel, uma vez que temos o vídeo, os arquivos das pessoas falando os poemas e tudo mais. E eu fiquei muito intrigada, gostaria de ouvir você sobre isso, se você tem ideia de aumentar ainda mais essa produção para além do papel, se tem vontade de fazer algum projeto futuro com esses arquivos.

HT: Já fizemos duas séries, vai ser para a Arte 1. Eu não dirigi, eu fui consultora. Escolhi as poetas, fiz o roteiro. Deve passar agora; chama *Poesia e música*. E agora eu estou fazendo um livrinho sobre as pintoras novas de periferia. E é uma surpresa, elas são da pesada. Interessante que elas não têm nada de intuitivas. Todas passaram pela universidade. Ou Uerj ou UFRJ, impressionante, isso é cota. Vemos aquela mulherada pintando, você pensa que foi uma explosão lá na favela, foi não. Foi cota. Eu entrevistei todas, as que eu estou trabalhando. Ou EBA ou Uerj. Não tem pra ninguém. É impressionante como se escolarizaram. E elas falam das universidades de uma forma muito mais respeitosa e de aproveitamento do que as brancas: “nada a ver aquele negócio de faculdade, não sei que lá”, e elas não “aprendi técnica de pintura, aprendi isso, aprendi aquilo, história da arte, eu nunca tinha visto, pra trás, pra frente.” Impressionante, elas aprenderam. Não é intuitivo, não é favela, é outro assunto. Eu acho que periferia e mulher são assuntos que não estavam visíveis, ninguém falava disso, ninguém expressava isso. E agora a fascinação é que você está descobrindo um universo que você não tinha ideia, o das mulheres. Tem muito poema lésbico, mas muito, muito, lindos, que nunca foi uma área que tenha assumido muito na poesia, então tem muito.

Cristina Salgado: Até porque as lésbicas não apareciam, não é?

HT: Não, as lésbicas sempre foram invisibilizadas no Brasil. Engraçado que nos Estados Unidos elas sempre tiveram presença. Mas no Brasil não; *gay* é muito mais conhecido, tem muito mais voz. Mas agora não. Agora deram um passo à frente, e a poesia é muito boa. Tem muito, essas meninas são todas lésbicas, essas novinhas. Quando não é lésbica é bi.

CS: E a teoria *queer* também é feita por mulheres, não?

HT: É, de lésbica para trans. Mas foi criado dentro do universo de demanda lésbica.

IA: Agora, Heloisa, você fala dessa marca, de uma poesia de mulher que já é marcada por uma poesia de mulher, já tem mais do que uma geração. Isso tudo talvez faça parte do mesmo fenômeno que você falou, como o das artistas da periferia, que são todas artistas que já têm um conhecimento, já têm um referencial.

HT: Tem. Eu levei um susto, eu achava que não. Eu achava que era uma coisa da favela, que nos espantávamos com aquelas mulheres. Mas não era não. Todas escolarizadas.

IA: O que é muito fruto desse seu trabalho, que já tem alguns anos, há uma absorção muito rápida.

HT: Total. Esta última foi de 2015, agora. 2015 mudou tudo. É a era do feminismo baseado na internet. Que tem uma repercussão que nunca teve. Na minha geração o feminismo não tinha repercussão. A imprensa não se interessava, você não tinha como divulgar com impacto, e as pessoas eram grupinhos conversando sobre política. Campanha só uma lá, uma cá. No Brasil fizeram muita coisa, porque todo mundo era contra. Todo mundo era Igreja, governo, ditadura. A Igreja que você não podia encarar, porque a Igreja, na ditadura, era um órgão muito solidário, era uma instituição que dava cobertura para os presos, que era contra a ditadura. Havia a juventude operária, a juventude cristã, a juventude estudantil católica. Havia milhares de segmentos de jovens de oposição dentro da Igreja. Então a Igreja era uma coisa contra a ditadura. E não dava para chatear a Igreja naquele minuto com o aborto, sexo livre, não dava. Era uma aliada... Única aliada [risos]. E, também, a esquerda detestava o feminismo naquela época. Porque ia atrasar o movimento. Estavam reivindicando uma mudança para o socialismo, e qualquer digressão ali era uma perda de caminho, en-

tão todo mundo era contra. 1960. O feminismo no Brasil teve muito mais rejeição do que no resto do mundo por causa dessa situação. O que foi legal, porque essas mulheres que não podiam fazer campanha, falar e tal e coisa, essas mulheres começaram a criar instituições fortes. Por exemplo SOS mulher. Delegacia de mulheres só tem no Brasil, não tem em outro país. Foi uma invenção desse feminismo que ficou inventando instituições, já que não podia fazer baderna.

IA: Isso já nos anos 1970?

HT: 1970. Todos os estados começaram a ter secretarias de mulheres. Elas se arrumaram institucionalmente. Muito legal. Até que elas mesmas quase tiveram ministério. Teve a Secretaria Nacional de Mulheres em Brasília, com o Sarney. Negociaram com Tancredo. O Sarney manteve o acordo do Tancredo e fez. Ela tinha peso de ministério, voto de ministério. Depois o governo seguinte acabou. Mas elas fizeram a constituição, gente. Essa secretaria fez a constituição. Era o *lobby* do batom. Elas ficavam dia e noite lá, não deixavam ninguém dormir. Elas fizeram 30 propostas para a constituição, as 30 passaram. Temos uma constituição moderníssima. É desses feminismos que não pode ir para a rua, fazer baderna, não sei que lá. Elas ficaram trabalhando dentro dos próprios canais oficiais. Agora não, agora foi um estouro da boiada, mas com outra coisa, que é a internet, fez toda a diferença. Internet vai longe, dá um grito aqui e chega longe. Então começaram a fazer *hashtag*, que é uma linguagem da publicidade, quer dizer, *hashtag* não é luta, *hashtag* é campanha, propaganda: meu primeiro assédio, *hashtag* meu primeiro assédio. É uma coisa que acaba imediatamente. Quer dizer, dura o tempo da sua eficácia. É uma campanha publicitária, é uma linguagem da publicidade. Quando elas fizeram *#primeiroassedio*, foi uma repercussão absurda. Uma semana depois tinha milhares de pessoas falando de assédio. Contando seu caso.

AC: Isso é o que, 2015?

HT: Não, antes de 2015, era em 2013. Foram as passeatas, os *black blocs*. E elas estavam todas lá. Foi o primeiro movimento de internet, político. E as meninas estavam lá depois elas levaram isso para o feminismo. A aprendizagem foi ali, em 2013, naquelas passeatas, das estratégias todas de campanha, de encontros, vêm pra rua imediatamente, faz *flash mob*, se encontra aqui, e lá. É uma linguagem política completamente diferente da minha. E com muita repercussão. Como foi o *black bloc*.

IA: E como você entrou nesse estudo?

HT: Campo. Não tinha bibliografia. Indo às passeatas, anotando, entrevistando. Tinha que ir. Lembra que tinha ocupação das escolas? Fui à ocupação das escolas, estava lá o dia inteiro, anotando.

AE: Que forte isso. Forte porque você leva o seu corpo.

HT: É, mas tem que ir. Você não tem onde ler, não tem bibliografia. Estava surgindo, e essas meninas eu entrevistei demais, muitas e muitas e muitas.

CS: Mas tem suas estagiárias. Suas bolsistas e estagiárias que são suas agentes também, não?

HT: Foram. Mas elas foram mais para escrever. Porque se eu não estivesse lá, tem um olho que você quer. É difícil uma estagiária, que é da geração delas, enxergar alguma coisa muito diferente. Eu chego lá, eu vejo outra nação, outra língua, outro tudo. As meninas eram iguais a elas. Era difícil elas fazerem campo. Elas ajudaram a escrever. Eu fiz esse livro *Explosão feminista*, que foi uma experiência de linguagem. Eu e elas. Cada capítulo tinha uma pessoa da idade delas, dessa geração. Pegávamos o material recolhido, eu escrevia, dava para elas, e às vezes elas diziam, mas não é isso de jeito nenhum que você está vendo [risos]. Daí mudavam o texto e mandavam para mim, e eu dizia bom o que você está dizendo é um absurdo [risos]. Daí devolvia. Foi um trabalho do cão. Mas foram vários capítulos escritos com. Não por. Com. Então era um trabalho que vai, que volta, que vai, que volta. Mas foi uma experiência muito engraçada e muito rica, porque tinha a perspectiva delas e tinha a minha também.

IA: E esse movimento da *Explosão feminista* foi antes da Universidade das Quebradas?

HT: Não, a Universidade das Quebradas tem 15 anos.

AC: Eu tenho uma pergunta antes que mude muito o assunto. Porque você estudou nos Estados Unidos e, na época, já existiam os estudos culturais por lá, aqui ainda não era comum, eu queria fazer esse *link* com o feminismo americano. Agora no #primeiro assédio teve um movimento que começou lá.

HT: #MeToo.

AC: Começou lá e aqui a coisa também foi se empolgando, como você vê isso?

HT: É porque isso viraliza. Isso é a internet. O movimento dos Estados Unidos é nosso também. Impressionante. Com a internet você vai junto.

IA: Acabou a origem de tudo...

HT: Acabou.

AC: Lembrando que as francesas não compraram o #MeToo...

HT: Não, não...

AC: Catherine Deneuve falou...

HT: Mas também Catherine Deneuve não sabe nem o que é assédio, ela anda com chofer e vidro escuro no carro! Vai botar ela no trem da Central...

AC: Mas acho que ela é de uma geração que naturalizou o machismo, o assédio. Lá, na época, devia até se sentir lisonjeada. Como muitas de nós, também nos sentíamos, com o assédio...

HT: Eu não sabia o que era assédio, eu achava que era elogio, a gente ficava feliz... Na rua ouvia um “Gostosa”! e voltava para a casa renovada! [Risos]

CS: A coisa do machismo estrutural, nós fomos despertando para isso...

HT: E só ganhou nome agora.

IA: Mas você coloca, num dos seus livros da antologia, do *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*, evocando Audre Lorde,² que uma das grandes dificuldades de sair desse sistema, do patriarcado, desse universalismo do pensamento, é reconhecer em si essa parte do monstro do

² Ver *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*, org. Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro Bazar do Tempo, 2019, p. 14.

sistema. É difícil cortar, é uma experiência. Nós também somos constituídas por ele.

HT: É porque é estrutural; é como estávamos dizendo aqui, não percebemos. Racismo também é difícil, você não percebe, quando vê, está falando. Não dá!

IA: Nós aqui da Uerj, embora, enfim, nós quatro sejamos brancas, tivemos uma experiência fortíssima que mudou a vida de todo mundo.

HT: As cotas? E a Uerj foi a primeira.

IA: E isso que você fala de uma nova geração de pessoas, de cotas que são muito preparadas, isso coloca o nível da universidade alto, e nós precisamos mudar de lugar. É isso que é importante.

HT: Foi por isso que eu fiz a Universidade das Quebradas. Na Universidade das Quebradas, aquelas pessoas não estão na universidade. E são artistas, só entram artistas: grafiteiro, *rapper*, escritor, poeta.

CS: Você fala sobre a Universidade das Quebradas, como a reunião do saber acadêmico com um outro saber periférico para a produção de um terceiro.

HT: É, mas eu nunca consegui, nem conseguirei.

CS: Eu queria saber sobre esse terceiro, o que seria?

HT: É uma fantasia, eu achei que esses dois iam fazer uma coisa nova. Mas é muito difícil você escutar o outro, o outro te escutar. Até produzir um terceiro, você rala muito! É muito difícil, mas é o melhor projeto da minha vida. É *O Projeto* da minha vida.

AC: De escuta, não?

HT: É muito incrível.

IA: E como funciona?

HT: Fazemos um edital e escolhemos artistas já consolidados, ativistas, produtores culturais, mas que já tenham um portfólio, não é para descobrir o que vai ser, é o que já é. E então damos aulas de antropologia, filosofia, essas coisas, e eles dão aula para nós. Repercutem, por exemplo, quando o tema é violência, eles dão uma *Violência* que você jamais vai ter. Quando o tema é religião, eles vão te dar um *feedback* que você também não tem. Sua religião é por um motivo, a deles, é por outro. De arte, de poesia, então vocês têm sempre uma aula de volta, que é dada por eles. É muito bonito, muito rico.

IA: E como são os períodos?

HT: É um ano, mas é um dia inteiro, de manhã até de noite, uma imersão.

IA: São mergulhos.

CS: Mas e qual é a periodicidade?

HT: Uma vez por semana.

CS: E onde é?

HT: Era lá na faculdade e depois...

CS: Na Praia Vermelha³?

AC: No Fórum⁴, não?

HT: Não. Depois foi pro MAR,⁵ o Paulo⁶ levou.

3 Campus da Escola de Comunicação da UFRJ, no bairro da Urca.

4 Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, no bairro do Flamengo.

5 Museu de Arte do Rio.

6 Paulo Herkenhoff, diretor do MAR de 2013 a 2016.

AC: É, no filme⁷ está no MAR.

HT: Agora está no MAR. Vou levar para a Academia.⁸

Todas: Uau! Nossa, que maravilha! Sensacional! Que interessante!

HT: Vai ser esquisitíssimo.

CS: Eu queria fazer uma pergunta meio pessoal. Você lembra que você foi minha orientadora e que minha dissertação era sobre aquele trabalho na fábrica⁹...

HT: Maravilhoso!

CS: Me lembro da Universidade das Quebradas e que você falava assim: mas eles têm um conhecimento! Você lembra disso?

AC: Eles, os operários da fábrica?

CS: Sim, os operários da fábrica.

HT: Claro que têm!

CS: Eu lembro de dizer assim: mas eles não sabem de nada!

HT: Eles sabem!

CS: E você me dizia: eles sabem, eles têm um conhecimento! E se eu fosse viver aquela experiência na fábrica hoje seria uma residência artística...

HT: Exatamente.

CS: Não existia esse termo na época, e eu acho que hoje seria tudo muito diferente. O que você acha que mudou?

7 Helô, 2023, dirigido por seu filho mais velho, Lula Buarque de Hollanda.

8 Academia Brasileira de Letras (ABL), para onde foi eleita em 2023, para a 30a cadeira, antes ocupada pela escritora Nélida Pinõn.

9 Série Meninas, esculturas de Cristina Salgado, de 1993.

HT: Ganhamos uma certa consciência disso, que é a matéria-prima das Quebradas e que sempre me atormentou.

CS: Exatamente, e me atormentava demais também! Você lembra como eu vivia atormentada?

HT: Lembro! Mas é claro que eles têm, é uma coisa de escuta. A universidade é muito perversa: ela tem aquele conhecimento. Ela nem larga dele, nem deixa que ninguém mexa, é o capital que vende. Mas ela não dá. Nem fragiliza, não é? Nem ele pode ser mudado porque é o certo, universal. E sobre feminismo é muito impressionante, porque o conhecimento acadêmico é masculino e branco. Não tem para ninguém, não tem, não é feminino.

AC: Você sabe que algumas de nossas alunas de primeiro período já olham a bibliografia das ementas e questionam: “não tem mulher aqui nessa bibliografia, não tem autor preto nessa bibliografia”!

CS: Elas já falam.

HT: Agora que os alunos negros estão mais conscientes. Mas eu me lembro que no começo das cotas, eles conseguiam passar e eram considerados quase indígenas que seriam catequizados. Eles estavam ali e aprendiam Nietzsche, mas não abriam a boca. Não saía nada, não tinha África, não tinha uma filosofia de outra perspectiva, não tinha nada! Eles eram zerados, branqueados e estudavam Nietzsche. Uma maluquice. Quer dizer, eles eram colonizados total, não é? A chegada à universidade dos cotistas foi devastadora! Agora, acho que eles não deixam mais: já mexem na bibliografia...

IA: E mudou muito rápido também, não é mais assim.

HT: Internet, podes crer. Que tudo que passa pela internet tem repercussão. O cara vai lá, escreve, daí abre logo uma briga na universidade.

CS: É, nós temos poucos professores negros, ainda.

HT: Agora a UFRJ vai fazer cota, cota de professor, que é o que interessa. Ter aluno é ótimo, mas tem que ter professor!

AC: Na Uerj já temos. Esse concurso novo teve.

CS: O anterior também.

HT: Tem muito?

AC: Não, tem pouco.

HT: Nós temos, mas é pouco.

IA: Da geração de estudantes tem muitos.

HT: É porque essa geração ainda não está doutorada, não? Tem um tempinho aí para se formar.

AC: Exatamente.

HT: São poucos, mesmo, os intelectuais antigos negros. Agora que se está promovendo uma leva, uma safra, e essa safra está em formação ainda, eu acho. É, ela não chegou lá ainda para ser professora.

IA: Mas por dentro, já mudou, completamente. Essa bibliografia totalmente colonizadora não funciona, de jeito nenhum.

AC: E temos que estar sempre articulando, sempre articulando.

HT: De jeito nenhum, não. Ainda é disfarçada, mas foi fragilizada.

IA: É, talvez eu esteja falando isso porque estamos no Instituto de Artes, então já é um pouco diferente, mas em outros cursos, realmente, ainda funciona.

CS: E como você vai lidar na academia com essa história do pronome neutro?

HT: Eu usei...

CS: Na Uerj, por exemplo, isso é uma questão, só se usa o pronome neutro.

HT: Não, lá não pode, mas eu usei na posse.

CS: Eu ouvi, eu estava lá!

HT: Dizem que foi a coisa que mais repercutiu na minha posse. A academia teve trilhões de reclamações no *site*, pedindo que ela se posicionasse.

AC: E não se posicionou. Não é?

HT: Não, porque ficava esquisito. O que iam dizer? São 40 pessoas.

CS: Mas essa é uma questão que talvez tenha que ser discutida, não?

HT: Claro que teria que ser discutida! Mas eles já postaram, na semana passada, o Macron,¹⁰ três vezes. Foi postado na academia, que detesta essa ideia. Eu falei um monte de coisa esquisita no meu discurso, só pintou essa questão. Do público, não da própria academia, essa fica em silêncio. Mas a posse já foi um manifesto. É trans para todo o lado e preto, periférico, favelado, tudo.

IA: Mas o verdadeiramente destoante é você instituir uma outra prática naqueles espaços tão marmorizados, não é? Isso é um ativismo.

HT: Pois é, mas agora vai ter. Eu vou dar um curso das Quebradas, que esse ano vai ser lá, vai se chamar Machado preto.¹¹

AE: Muito bom.

IA: Nossa!

HT: Na casa do próprio!

IA: É aberto? Podemos assistir?

10 Em novembro de 2023, após o Senado francês ter aprovado restrições ao uso da linguagem inclusiva, o presidente francês Emmanuel Macron se pronunciou contra o uso da linguagem neutra, afirmando que “em francês, o masculino é o neutro”.

11 Durante a edição dessa entrevista, o Ciclo “Machado de Assis e a questão racial” foi anunciado para ocorrer entre 7 e 28 de junho de 2024 na sede da ABL, com palestras de Jefferson Tenório (“O Machado que eu leio”), Ana Flavia Pinto (“Era de cor como eu: racismo e antirracismo na trajetória de Machado de Assis”), Paulo Dutra (“Machado e a invenção do ‘ser-branco’ no Brasil”) e Pedro Meira Monteiro e Hélio Guimarães (“Diálogo: as melindrosas presunções da branquitude”).

HT: Podem! É Machado preto.

IA: Que bacana!

HT: E tem tantos sentidos, Machado preto.

HT: Se está lá, tem que fazer alguma coisa, não é?

IA: É a graça, não é?

HT: Não tem graça nenhuma! Agora, vai ser legal: esse Machado vai ser bom! É mexer com o símbolo máximo, a casa do homem. O cara vai ficar pretinho... Esse ano já teve, na Flup,¹² que é prima das Quebradas, nós trabalhamos junto. Na Flup já teve Machado, cria da Providência. Ele nasceu no Morro da Providência. Isso não é dito, você só sabe que ele morou no Cosme Velho. Vamos trazer lá para trás, vamos ver no que vai dar.

IA: Mas você sente alguma resistência dos colegas?

HT: Só vamos ver agora. É um lugar muito doente, as pessoas não são contra nada, ninguém diz: isso não pode! Por que está fazendo isso? É uma cerimônia...

AE: E o medo, parece, o medo da palavra é o medo da palavra.

HT: É, não, não. Você é chamada de confrade.

CS: Qual é o feminino de confrade?

AC: Isso que eu estava pensando!

HT: Então fica todo mundo reclamando por trás, sabe?

AC: É, ficam tramando nos bastidores.

12 Festa Literária das Periferias, que em 2023 aconteceu na Vila Olímpica da Gamboa, no Galpão da Ação da Cidadania e na Garagem Viação Regina's, localizados ao redor do Morro da Providência, Rio de Janeiro.

CS: Mas agora você tem um confrade muito bacana, que acabou de entrar.¹³

HT: Ah, pois é, eu já combinei com o confrade que ele vai botar um curso dele também, fazendo essas palestras, pelo menos uma vez por mês.

CS: Negros e indígenas, olha só que bacana!

HT: Porque o que tem lá são umas conferências estranhíssimas, não tem perfil nenhum. Você não sabe o que fazem lá: “O lado B do Olavo Bilac”, porque veio uma pessoa e disse que ele gostava de cozinhar; “A invenção do órgão”, sobre como alguém inventou o órgão... Não sei, é complicado, porque você não sabe o que está fazendo ali!

CS: Ah, mas agora você sabe, você vai levar a Universidade das Quebradas.

HT: Eu estou fazendo, mas em geral, quando você chega sem objetivo, com preguiça, não há nada a fazer.

AC: Mas já teve reunião?

HT: Tem toda quinta.

AC: E você tem ido?

HT: Esse mês eu fiquei inteiro de cama, mas eu vou porque eles só pagam se você for.

AC: Ah, o *jeton*...

HT: Eles são danados, senão ninguém vai, eu acho. É uma chatice, não acontece nada! Tem que ir para ganhar.

AC: É só chá mesmo?

HT: Não, tem o chá depois de uma reunião. Aí vem um e fala: “Quero homenagear o Ciro dos Anjos” e fala uma hora sobre ele. Não tem gan-

13 O escritor indígena e ativista ambiental Ailton Krenak foi eleito em 5 de outubro de 2023 para a cadeira 5 da Academia Brasileira de Letras.

cho, nada tem gancho lá. Nada você sabe por que está acontecendo. E, porra, é um lugar que tem uma mitologia, um poder simbólico! Tinha que fazer tipo a ABI:¹⁴ “Defesa da liberdade de expressão”, “Defesa de não sei o quê”... Tinha que ter mais debate: é um lugar importante da palavra. De discussão desse tipo de coisa.

CS: É uma questão com tantas implicações...

HT: Nossa Senhora, língua não é mole, não é mole!

CS: Você pode concordar ou discordar, mas tem que gerar discussões!

HT: Tem que ser um lugar de debate: sobre as livrarias, o problema do livro...

IA: Talvez seja um exagero pensar nisso, mas eu tenho a impressão de que há muito tempo a palavra não está sendo tão reinventada e politizada como hoje.

HT: Claro, agora, é evidente! E a academia tinha uma função importante nisso, mas não quer.

IA: É um momento em que a palavra é um tipo de bomba. Porque ela ganhou, também, outras tecnologias de expressão, como você estava falando, a internet...

HT: Quando a academia entra na política é assim, faz um ciclo [de debates]: “Quais as razões...”, “Qual é o futuro do Brasil?” [Risos]

HT: Ela não sabe qual o futuro do Brasil, essa é uma questão para outro fórum, não aquele! Tinha que fechar com a questão da língua e com a questão da liberdade de expressão, censura, cancelamento.

IA: Exato, como estávamos falando, você trouxe a palavra assédio, que é uma palavra que foi uma invenção.

14 Associação Brasileira de Imprensa.

HT: Foi, foi, que ganhou outro sentido, desnaturalizou.

IA: E se a academia falasse de assédio? Tem que falar.

HT: Tinha que trabalhar!

IA: Então, Heloisa, tem aqui uma pergunta da Ana Hortides, que é uma estudante artista, que, aliás, te conhece: participou da curadoria da exposição Ana Cristina Cesar, em 2017. Ela traz uma frase de poema do livro *A teus pés*, da Ana Cristina – o poema é “Preciso voltar e olhar de novo aqueles dois quartos vazios”. Ela faz uma pergunta: como você vê o espaço da casa, de uso doméstico hoje, dentro do ideário feminista?

HT: Nada a ver com a Ana Cristina, não? Estou perguntando: ela quer que eu fale da Ana Cristina?

IA: Não, ela está pensando nessa volta, nesse olhar, nesse rever, porque o poema da Ana Cristina é voltar e olhar de novo aqueles dois quartos vazios. Então essa volta ao ideário doméstico. Se você vê um pouco isso.

AC: Acho que não tem a ver com Ana Cristina Cesar.

IA: Sim, a questão da Ana Hortides é mais o doméstico.

AC: Como fica o espaço doméstico da casa, eu acho. É porque a tese dela é sobre a casa. Eu participei da banca e a Cristina é a orientadora.

CS: Mas acho que ela está perguntando sobre a casa, o espaço doméstico hoje.

IA: Se isso é um tema, se é uma palavra. Porque ela foi reinventada também, não? Como você falou, agora tem os temas de mulher de uma maneira muito diferente. O doméstico também muda, não? Ela trabalha sobre isso.

HT: Deixa eu pensar, eu acho que ainda não sintonizei direitinho.

AC: Durante a pandemia, por exemplo, o espaço doméstico vira uma outra coisa, né?

HT: Mas ela está perguntando sobre a condição da mulher... não é?

AE: Será que não pode ser uma relação entre essa obrigatoriedade do lugar da mulher no espaço doméstico?

HT: É isso que ela quer?

AE: E hoje um outro olhar para isso, e uma escolha até, de algumas mulheres, de viverem isso, não é?

HT: A casa foi sempre o lugar da mulher, não é? E o público o lugar do homem. Mas acho que há uma coisa atrás da pergunta dela e que eu não estou captando. Não tem?

CS: Acho que é por aí. Já é, não? A casa sempre foi o lugar da mulher.

HT: Casa sempre foi o lugar da mulher. Sempre foi um lugar de prisão.

CS: E acho que isso mudou, não?

HT: Não sei. Acho que sim. Mudou a função da mulher dentro de casa. Mas eu não sei se a casa foi repaginada. Não sei, porque eu repagino a minha a cada três anos – total! Quantas casas minhas você conhece? Várias...

CS: Ah, umas quatro, talvez... Essa é a quarta.

HT: É uma loucura. Eu não aguento o espaço doméstico. Porque eu refaço, refaço, refaço..., mas acho que isso é uma coisa minha, porque isso não é normal, mudar toda hora...

AC: Eu me mudei 36 vezes.

HT: 36? Então é igual.

IA: Vou fazer uma pergunta da Fernanda Pequeno, que é professora do Instituto de Artes, de história da arte, história e crítica. Ela pergunta o seguinte: alguns livros organizados por você, tais como *Tendências e impasses, o feminismo como crítica da cultura*, de 1994, foram responsáveis pela tradução e difusão de textos fundamentais de Gayatri Spivak, Teresa de Lauretis e Donna Haraway, entre outras autoras, formando uma gera-

ção de leitoras. Você poderia avaliar as mudanças que ocorreram entre os primeiros volumes e a coleção *Pensamento feminista*, que você organizou mais recentemente? O que mudou nas epistemologias e metodologias feministas, desde as suas primeiras incursões?

HT: Esse primeiro era uma divulgação do feminismo, pelos anos 1980, ele é era em 1989? eu acho... 94. É bem na viradinha. Nesse momento, você estava instalando o feminismo como área de conhecimento. Então foi um livro assim para jogar o debate, porque ninguém tinha acesso ainda a esses textos. Ele foi muito bem recebido, por causa disso. Donna Haraway está chegando agora – 20 anos, 20 não... mais, não? Muito tempo! 30 anos. Agora é que está chegando o texto da moça.

Então ele foi muito precursor, foi um pouco para dar uma sacudida no campo, e realmente... Todo mundo que estava começando a se interessar se atirou muito nesses livros, que eram muito fundamentais, mas são livros que, fora os textos da Donna Haraway e da Teresa, são textos ainda bem médios, várias morreram, dessa coleção. Ficaram, digamos, cinco autoras fundamentais. O resto sumiu, não continuou, quer dizer, é um livro muito do momento inicial. E dava conta de qualquer coisa que falasse no assunto “mulher”.

E esses que eu fiz depois foram encomendados por uma editora a partir dele, do primeiro. Faz tudo de novo? Era a pergunta da menina da editora. E aí eu fiz, mas fiz sistematizando, e como eu tinha acabado de fazer o *Explosão feminista*, as meninas com quem eu conversava não tinham noção de texto, de que tinha tido feminismo no Brasil antes. Elas estavam inventando aquela coisa naquele minuto. E elas eram muito boas, muito cheias de gana. Elas eram danadas. Essas meninas são danadas. Eu achava que elas tinham que ter uma formação qualquer, então fiz para elas. Mas fiz completamente diferente, tipo curso, porque a essa altura, 30 anos depois, o pensamento feminista já amadureceu. Já havia tendências, novos caminhos que não foram mexidos. Então eu fiz esses quatro. Estou fazendo o último agora. O primeiro foi o *Conceitos fundamentais* que eram realmente conceitos fundamentais, porque a história do feminismo, sabe, começou mais ou menos assim, com a identidade. Depois se descobriu que identidade não existia; daí veio a relação de gênero; e então começa toda uma outra coisa, a relação entre os atores; depois, relação de gênero já não é bem assim; e aí entra a Judith Butler, que não existia naquele primeiro momento, falando da coisa mais *queer*, da coisa mais flexível, e que

não era bem assim, que não era relação entre dois e não era identidade; e vem com uma coisa mais fluida do sexo.

E depois vem a coisa da sexualidade, com Preciado, que diz que não tem nem sexo biológico, que dirá esse da *performance* – zerou total. E então, eu fiz esse caminho para elas. São os “conceitos fundamentais dessa evolução”. Depois, percebi que não tinha autoras brasileiras. Me deu uma tristeza horrível. Não tem. Por causa dessa conjuntura do feminismo brasileiro, dos anos 1970, que era de silenciamento, elas não podiam se mexer muito. Então, elas fizeram mais textos marxistas, sabe, mais relação de classe, sobre as mulheres domésticas, a saúde das mulheres em Manaus – eram sempre coisas assim, que não eram conceituais, não eram inventando inflexões de gênero. Eram problemas concretos das mulheres no Brasil, mas eu achei sacanagem não botar as brasileiras, o que pode parecer que não temos um pensamento e temos. Então eu fiz um livro só de brasileiras. Foi o seguinte desse.

E depois, o terceiro veio com a coisa decolonial, que invadiu o feminismo, pelo menos na América Latina e aqui enfrentou de cara. E não desgrudou mais. Então eu fiz os textos do decolonial e depois fiz o da sexualidade no sul global.

A sexualidade no sul global já é uma coisa interessante. É outra. Aqui começou muita coisa *queer*, e a coisa *queer* é muito americana, mas muito americana... E *queer* aqui é outra coisa. É assassinato, o assunto. Mata. É violência pavorosa, é carência de saúde, é prostituição.

É um outro papo. No sul global, o trans, o *queer*, o caminho não é tão o imaginário assim. É mais de assassinato mesmo, é mais de morte. Então a gente fez sobre a perspectiva *queer* nos países colonizados.

São quatro livros, já com os temas, já com as tendências, com os debates de hoje. E o outro era só um empurrão. E agora eu estou fazendo um sobre identitarismo – é uma chatice. Você não pode falar mais nada, não é? Está difícil.

IA: Engraçado, não? Porque, por um lado, é um campo que veio para abrir a possibilidade de ter uma pluralidade de vozes. É isso é tão difícil...

HT: Pluralidade maravilhosa...

IA: E tem toda a sua experiência de ter produzido a possibilidade dessa cena...

AC: E tem a ver com aquela pergunta que eu queria fazer sobre o lugar de fala. No livro *Onde é que eu estou?*¹⁵ você associa o lugar de fala à cultura evangélica, em que a palavra salva, a palavra tem poder. Você associa isso também ao *slam*, ao microfone aberto. Eu fiquei muito curiosa, porque na entrevista você fala que essa articulação estava muito verdinha na sua cabeça, e aí? já amadureceu?

HT: É. É uma coisa que eu trabalhei muito com a literatura periférica e tem muito sarau. E os saraus e toda arte periférica tem muito de evangélico. Você nunca viu na pintura as pessoas dizendo: fiz por causa do trauma, é o trauma, é a coisa do trauma, é um tal de trauma o tempo todo. E a arte cura. Arte nunca curou ninguém até hoje pelo menos. Curou quando cruzou com o evangelho. Porque no evangelho, a palavra cura. A expressão... o testemunho cura. Você é fudido, bêbado, não sei o que lá, vai lá, consegue dar esse testemunho da sua miséria humana e Jesus te aceita. Aí você sai curado, potente, arranja emprego. Nunca mais bebe. Mas é aquele momento em que você dá um testemunho que Jesus escuta, verdadeiro. Aí você dá esse testemunho e Jesus desce. Isso aí você vê inteiro. E você faz poesia para ganhar poder, para curar – o tal do trauma. O trauma é o tempo todo. Eu vejo na pintura, nas *performances*, principalmente negras, tem o negócio do estupro, da raça, da escravidão. Tem uma artista interessantíssima que bota o preço da carne dela aqui (no corpo) e sai por aí. Tem várias que o corpo é plataforma de venda mesmo como escrava. Então tem essa coisa. E fazendo isso, ela se cura desse trauma. Então toda a arte da periferia, engraçado, tanto faz literatura, poesia, artes visuais, vem com o discurso por trás de que aquilo é um procedimento que vai gerar uma outra pessoa. Vocês fazem arte para se expressar. Na periferia, não. É para mudar, é para você ganhar autoestima, para você esquecer seus traumas. É para você se curar. Que nem faz na igreja, que você dá um testemunho através da palavra e cura e ganha poder. Nos saraus, antes que comece, eles dizem: povo lindo! povo inteligente! A palavra cura, a palavra é poder!

Não teve uma novela do João Emanuel Carneiro que também tinha uma música assim? Eu liguei para ele e perguntei quem inventou essa. Ele disse:

15 Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2019.

“ah não, eu não sei te dizer, mandaram para mim essa música”.

AC: Sim, tinha... eu sou romaneira também, mas eu não me lembro qual era....

HT: Era uma do João Emanuel.¹⁶

IA: Mas tem um segundo tempo dessa experiência, assim, dessa conversão, de uma decepção, porque isso faz parte da arte, faz parte da poesia, tem essa potência do negativo. Você vê isso também?

HT: Mas eu não tenho visto isso ainda, na periferia, em quem vai para se afirmar, para se curar, cada vez fica melhor. E tem uma coisa bonita, que é o artista cidadão. A Panmela Castro, por exemplo. A Panmela vai, mas ela carrega não sei quantas grafiteiras atrás. Ela arranja dinheiro, ela faz, ela emprega, tem muito, vários, que têm a responsabilidade de salvar mais tantos. Você se salvou, salva mais 30. É bacana. Na poesia, vai tudo para escola. Os alunos não gostam de poesia, mas quando chega um periférico lá falando vai, vai, vai – eles entendem tudo, adoram. Começam a escrever, eles dão uma oficina e os alunos se apaixonam por poesia – aquela poesia – mas se apaixonam, o que é maravilhoso. Aí, passam a fazer tudo. Mas eles têm essa responsabilidade de ir à escola para ensinar, fazer oficina de poesia, trazer mais gente. O Ferrez tem uma fábrica, que ele bota versos e poemas, fábrica de camisetas.

CS: São ligadas à religião também, essas pessoas?

HT: Não. Dizem que não. Alguns, sim, mas em geral, dizem que não. Mas é uma cultura evangélica, não é uma religião evangélica, não é necessariamente de Igreja, mas é que essa cultura da prosperidade, é uma cultura favelada.

IA: Há também uma relação com a violência, né? De se resistir à violência, é muito importante, que é muito sério.

HT: Muito sério.

16 O comentário se refere à novela de João Emanuel Carneiro Segundo Sol, exibida na rede Globo entre maio e novembro de 2018.

CS: E você vê essas pessoas a partir da Universidade das Quebradas também?

HT: É, mas vejo os artistas todos também, que eu trabalho muito. Agora eu estou mais focada em literatura, mas eu já passei por tudo. Eu estou querendo fechar esse livrinho das artistas periféricas, elas são incríveis. Eu vi o quadro da Marcia Falcão ontem, lindo! Meu Deus, que coisa linda. Era uma mulher caindo e, em baixo, tinham milhares de corpos e mulheres, assim, para sustentar ela. Era de uma beleza... era tudo quase abstrato, sabe? Mas não era, dava para identificar as figuras. Aquela tem uma rai-va... Ela é danada. Elas fazem muita coisa sexual, agressiva.

AC: A própria Panmela, né? A gente fez um programa com a Panmela, na Pós (PPGArtes/Uerj).¹⁷

HT: Ela fez meu retrato.

AC: Sim, ela nos mostrou.

HT: Mas a Panmela tem a rede Nami¹⁸ que é enorme. É um projeto social gigantesco.

CS: Você foi lá no Catete?

AC: Eu levei alunas lá, foi incrível.

HT: Essa é o artista cidadão: eu melhora, mas eu tenho obrigação de carregar mais gente, que nós não temos. Eu não vejo nenhum artista – entre nós, classe média, que tenha essa preocupação. Oba: cheguei aqui, eu tenho que trazer mais 30.

IA: Acho que, de uma certa maneira, estando na universidade nós temos.

HT: Não, mas aí é ensino, acho que é diferente. No ateliê...

17 Um olhar sobre arte, experiência e linguagem, encontro com Panmela Castro, ocorrido em 23 de julho de 2020. Disponível em https://youtu.be/pilgWZOMAc?si=rYwK_rDsOcraOTjZ.

18 Ver <https://redenami.com/>.

CS: Somos mais neuróticos, eu acho...

HT: Acho que você não se curou... (risos). Elas se curam. Elas têm essa sensação da cura. A arte dá prosperidade a elas. Nós não. Nós damos dinheiro, mas elas não. Elas saíram do buraco, não eram ninguém. Todo mundo sabe o nome. É completamente diferente. Você sair de uma favela e você sair de um apartamento em Botafogo. Bem diferente.

AC: É a ética protestante, não?

HT: É, tem esse lado, da coisa da prosperidade, que é muito diferente.

AC: Trabalho, prosperidade.

HT: A religião

CS: É os católicos e os protestantes.? Os católicos trabalham com uma iconografia, não é? Interessante que os protestantes não têm a iconografia. Mas eles trabalham com a imagem.

AC: É porque é a cultura, não é a religião. E eu acho que imagem hoje em dia para o protestante já não é uma coisa iconoclasta, acho que já virou outra coisa. Vivemos imersos na imagem, então...

IA: Mas, Heloisa, e a *performance* nisso?

HT: Na arte?

IA: Nessa nova cultura...

HT: O corpo, o tempo todo é muito presente, o que é muito interessante. Porque na minha geração o corpo era “o” problema. Maternidade compulsória: é corpo. Saúde da mulher é corpo. Violência, assédio, estupro... tudo é corpo. Qualquer demanda em torno da mulher, você vai ver, é o corpo dela. Era um problemão! Agora, as meninas desencanaram: meu corpo é para eu escrever. Eu vou mandar mensagens, você quer olhar pra mim, então olhe e leia. Elas saem sem blusa, com milhares de coisas escritas por aqui [Heloisa faz um gesto sobre o peito]: “Não é não”. Essa artista de quem estou falando, que me impressionou muito... me esqueci o nome agora... que sai com o “preço” dela aqui [desliza as mãos sobre o peito e ombros], da “carne barata”. Ela é uma mulher negra.

CS: E essa coisa da bunda no “Garota de Ipanema” da Anitta. Você viu este clipe? Você viu esse fenômeno?

HT: Eu acho que eu vi sim.

CS: É bem bacana, mas... é muita bunda!

HT: Mas tem essa história da bunda, eu acho que é uma coisa de virar de cabeça pra baixo qualquer coisa. “Que o corpo olha: tá aqui”. “Leia”.

CS: Exatamente.

HT: E a bunda é o símbolo maior. A “bunda da mulata”, a bunda da mulher negra... A bunda daquela menina ... Aleta.

AC: Aleta Valente

HT: “Made in Bangu”, daí tira fotografia da bunda e está tudo escrito lá. A bunda dela é toda escrita “Made in Bangu”. Para mostrar.

AC: A bunda tem poder, o poder da mulher.

HT: E se isso era um problema hoje não é mais. Era. Estamos aqui! Eu acho engraçado. É uma resposta muito interessante, isso é uma resposta que tem também nas «sapatão», né? Hoje ninguém mais diz que é lésbica, diz que é sapatão. Essa coisa de você pegar o nome de ofensa e virar de cabeça para baixo.

IA: Há “N” diferenças agora, não é mais assim. Nós, a cada lista de chamada, vivemos essas questões. Há muita, muita especificidade.

AC: Nós recebemos muitas e muitos estudantes trans.

IA: Você tem que realmente saber, não é mais uma associação visualmente detectável... As singularidades são plurais.

AE: Pensando sobre o que a gente falava antes, e agora. Se há, digamos, essa exacerbação do corpo – no sentido de tomar posse do meu corpo para fazer dele o que eu quero – há também uma convocação aos deslocamentos. Quantos mais corpos ou quantas mais atitudes performativas cabem dentro da ideia de corpo... de escritas do corpo...

HT: Infinitos! As possibilidades são infinitas!

AE: Não é?!

HT: Vocês viram a *performance* de uma artista que fica nua, em cima de uma mesa, com sushis espalhados pelo corpo? Coberta de sushis, e o que vinha tocando atrás eram relatos de violência doméstica [muda o timbre da voz para mais grave e com mais força, para sonorizar as palavras “arrebentou”, “puta”]. E as pessoas pegavam sushi nela, no corpo dela... E você ouvindo atrocidades em relação ao corpo, muito impactante. Ela oferecendo sushi e a porrada comendo em volta. Ela gravou milhares de situações de violência doméstica e colocou para tocar nos alto-falantes. Você chegava perto, mas não chegava... era uma coisa para você ver aquela mulher ali, inerte, nua, coberta de sushi...

AC: E as pessoas comiam?

HT: Você ouvia aquela coisa, chegava perto, e voltava... Barra pesada. São muito fortes essas coisas, e as pessoas ouvem, entendem [a violência], porque não conseguem chegar perto.

AC: Eu queria voltar ao lance do corpo. A questão do corpo, da bunda. Porque comentei com o meu filho, que tem 27 anos, sobre a questão da bunda da Anitta. E ele respondeu: mãe, você é uma feminista branca, da zona Sul do Rio de Janeiro. A bunda é uma questão para o feminismo negro. É o poder da mulher preta!

HT: É claro que é! E nós nem temos a bunda que elas têm! [risos]

AC: Quer dizer, um outro corpo...

HT: É bem específica a coisa feminista negra.

IA: E não carregamos mais nada gratuitamente... Acho que essa é uma lição, assim, que você tem que saber o tempo inteiro.

Outra coisa que eu queria perguntar. No seu livro *Perspectivas decoloniais*, eu fiquei muito impressionada quando você fala sobre duas tendências do feminismo, de um lado o feminismo para 99% crítico ao feminismo neoliberal, e de outro a do feminismo decolonial. E agora para você, que

está trabalhando sobre os identitarismos. Eu me pergunto, como fica essa conversa, entre essas duas tendências?

HT: E que dá raiva do identitarismo porque o que você vê é que é uma coisa de *marketing*, sabe?

AC: De nicho, você acha?

HT: Eu acho que não é sério, e só quando você estuda muito que você vê. No começo eu achava que elas tinham razão. Porque nunca tiveram voz. Nunca! Para ter voz, tinha que meter o pé na porta. Tinha que dar um pontapé. Porque nunca ninguém escutou essas mulheres negras, elas nunca foram levadas em consideração. E olha que a teoria tem muito tempo. A Patrícia Collins, por exemplo, e a Ângela Davis são famosíssimas há muito tempo, falando coisas incríveis. Mas aí é um livro! Se chegasse uma mulher negra para dar palpite, você não ouvia.

CS: A Sueli Carneiro, por exemplo, não se considerava feminista, não é?

HT: A Sueli não se considera feminista agora. As mulheres negras têm uma coisa, metade do feminismo negro não se considera feminista do ponto de vista europeu, e diz que é uma coisa europeia, marcadamente, e que nos países da África as mulheres têm outra relação de poder, outras responsabilidades, outras formas de luta. Então elas se dividem entre feministas – que são essas novinhas que estão saindo da faculdade, cheias de teorias na cabeça, que são as feministas negras – e tem as outras que são mulheristas. Mulherismo é essa tendência negra, mas ligada à luta da mulher africana.

IA: Uma luta cultural.

HT: É uma luta, mas de ancestralidade. Como é que é que a mãe, avó, tri-savó, se defenderam. Eram mulherões! Os Quilombos, quase todos eram liderados por mulheres. Há mulheres que fugiam o país inteiro, resgatando homens e mulheres negras escravizadas. Não era brincadeira não. Então é esse poder, essa coisa guerreira da mulher negra, que sempre foi empoderada. Entra num terreiro para ver quem é que manda ali. Não tem pra ninguém! É a mulher, e tem que obedecer. Então, tem uma lógica de poder diferente das mulheres na cultura negra, então essas mulheres acham que feminismo é uma coisa vitimizada, de mulher vitimizada que existe na Eu-

ropa. E que elas preferem seguir a tendência africana, que é potencializar o que elas já sabem de luta.

CS: E é aquilo que você falou, no morro são as mulheres...

HT: É a mesma coisa. *Feminismo favelado*, que publicamos agora. Feminismo favelado não se identifica nem com feminismo negro. O feminismo negro está em volta das questões raciais, e o favelado, não. O feminismo favelado tem nordestino, tem outras coisas que também são excluídas. Esse ano eu fiz a Quebrada inteira sobre o Nordeste. É muito preconceito contra nordestinos, incluídos os negros. É muito preconceito. A favela tem problemas também, outros, que não só racial. Tem problema de encanamento, de escola, de cultura, outros e outros. Então, como lidar com isso? E elas têm estratégias lindíssimas, de rede de solidariedade, sabe? Estratégia, acho que vão sendo inventadas para resistir.

AC: Eu sei, eu sou nordestina, alagoana.

HT: Eu adoro o Nordeste. Também tem uma linha de maternalidade forte, as mulheres são mais fortes. Elas têm uma marcação indígena muito grande. Elas são mulheres da terra, fortes.

AC: Exatamente... diferentemente dos baianos, somos mais indígenas.

CS: Mas sobre identitarismo, você estava falando sobre... essa intolerância... tão interessante isso que você estava falando.

HT: No início tinha que arrebrantar para ser ouvido. Mas depois, você vai vendo que há meio que uma manobra... Começa uma coisa de mídia também, entra na lógica do *hater*. Polariza demais, não é uma luta identitária, é uma porradona. Eu já passei por tanta saia justa... Você não pode falar sobre nada. Vocês viram aquele filme da Daniela Thomas? É um dos filmes mais bonitos que já vi. Ela foi cancelada.

CS: Ela foi massacrada.

HT: Massacrada porque não se pode falar sobre pessoas escravizadas.

AC: Vocês viram o filme? Eu não vi, não.

IA: Eu acompanhei a polêmica...

CS: Eu assisti ao programa do Pedro Bial, tinha duas pessoas negras da academia...

HT: É lindo o filme! Dizem que os negros não falam, mas os brancos também não, ninguém fala naquele filme. Totalmente silencioso, ninguém fala.

CS: É um filme sombrio, todo mundo sofre muito. É um filme de sofrimento.

HT: Mas eu acho sacanagem. É difícil, estou enjoando desse assunto, porque você entra com toda curiosidade, boa vontade. Você vê que acaba mal. Acaba em baixaria.

IA: Mas essa construção toda que você vai fazendo, desfazendo essa universidade, refazendo a universidade, cria outros espaços. Você não sente isso ao longo do tempo?

HT: Cria sim.

IA: Cria uma horizontalização... mesmo nós, no pequenininho, sentimos, não é?

HT: Mil vezes!

IA: Não é só isso, nós temos experiência da violência, mas temos uma experiência de renovação também...

HT: Tem. Lá na faculdade quando falamos em feminino, falamos de assédio, do professor assediando alunas, falta de creche. Mas acho que o mais grave não é isso. O mais grave é epistemológico. Assédio tem em todo lugar. O que é específico é que você só pode saber aquilo. Não abre espaço, porque o Lattes não deixa... nada deixa. Na Capes fazemos aquele relatório do edital da Capes. É todo para ciência branca de homem, não tem espaço para botar o que eu quero do jeito que eu quero. Somos excluídas em todos aqueles editais. Você fica adaptando, dando um jeito.

IA: Um inferno, e tanto relatório ainda por cima...

HT: Mas inventamos! Qual é o impacto que vai ter não sei onde? Sei lá! Se tiver algum agradecemos, ninguém descobre vírus ali, não é?

IA: Mas há um impacto incrível. A universidade em que eu estudei nos anos 1980, e a universidade em que eu trabalho hoje, dois mil e vinte e tantos é outro universo. E muito isso: quem se desloca é a professora. Óbvio, tem uma abertura muito grande que vem dos estudantes, mas só se você estiver disposta a fazer essa experiência. Não era assim.

HT: É. Melhorou, vai melhorar mais. Eu estou certa disso.

AC: É... nós que seguíamos os professores nos anos 1980.

IA: Tudo bem, ainda tem de tudo, mas sabemos dessa virada epistemológica que você está falando, que é muito importante.

HT: Mas ainda não tem ela no total, não?

IA: Não.

HT: É que toda a produção de conhecimento é feita a partir de uma experiência social, não tem outro jeito. Porque a exigência social masculina é muito diferente da feminina. Mas muito! Então, a mulher vai dizer outra coisa. E é importante uma abertura da ciência. Não que aquela não seja boa, a dos homens, mas tem que ter outra perspectiva do lado. E não tem, não é?

IA: Não tem, porque ela é única. Vamos falar um pouco sobre o seu primeiro momento, quando você trabalha muito sobre a contracultura, que é quando você introduz também todo um pensamento que está fora do cânone.

HT: Os poetas marginais?

IA: Além de outros assuntos. Você fala de cinema, você fala de teatro, música... Você acha que você segue a mesma linha?

HT: Acho que desde o primeiro dia até hoje é igualzinho. Verdade.

AE: É bonito quando você diz que vai até os lugares, que coloca seu corpo [no mundo]. É esse mesmo jeito de sempre, a disponibilidade, essa mesma abertura para o estudo...

HT: Eu acho que não está para falar de gabinete, não dá não. E o que tem de tese de *funk* que você lê e, sabe, o cara nunca foi.

AC: Nunca foi num baile, não é?

HT: Não tem ideia...certas coisas muito faladas, você chega lá e é diferente.

CS: Tá bom, não é, meninas?

HT: Pode continuar, está tudo bem.

IA: Mas é uma grande coisa, isso poder acontecer, essa palavra que é poética e política, a um só tempo, isso tem no seu trabalho, desde sempre, não?

HT: Eu não acredito em pesquisa que não tenha um ativismo lá dentro, não. Não acho que isso seja coisa dos estudos culturais ...

AC: Pesquisa sem ativismo...

HT: Eu não acredito muito não. Para que você pesquisa? Para quê? Na literatura tem uma coisa que você pode ficar lendo Machado de Assis o resto da vida. Cada vez mais você sabe mais onde está a vírgula do terceiro parágrafo.

CS: Você olhou para o passado?

HT: Não, porque...

CS: O passado passou.

HT: Passou... [pausa]. Eu estou vendo “O fim”.

AC: A série?

HT: A série da Fernandinha. Cara, anos 60 é uma merda. Por isso é que eu não olho para trás. Quando vejo é igualzinho, o filme é perfeito, o seriado é perfeito. É uma fossa, é uma chateação... Era assim mesmo, e imaginamos que era o máximo.

CS: O machismo, uma coisa horrorosa...

HT: Quando vê o fim, eita, caralho, é isso mesmo. Falso problema para todo lado... Como se diz hoje... *white people's problems*. Problema de bran-

co o tempo todo, o tempo todo, o tempo todo... Uma chateação esse “O fim” está me fazendo mal porque eu sabia que não era um mar de rosas, mas também não achei que era tão chato.

CS: É, a gente olhar agora, com esses olhos dessa virada epistemológica...

HT: Muito melhor agora, mas muito melhor, cara!

CS: Como foi tudo horrível... Impressionante.

HT: Não tem comparação. A Fernanda tascou no grupo de amigos que ela lida no seriado, eu e um grupinho de amigos... e aí vai morrendo, né... (Risos)... Ai, nesse grupinho de amigos, tem um casal preto. Esse casal ela botou hoje! Eu não me lembro de amigos pretos não. Era tudo branquinho, classe média, zona Sul.

CS: Eu também não tinha não.

HT: É muito real. Está na Globoplay. Você leu o livro?

AC: Fiquei curiosa de saber se tinha um casal preto no livro.

HT: Eu não tinha nenhum amigo preto, imagina um casal, então, passeando em Ipanema... um casal preto nas Dunas do Barato... Não, não mesmo.

AC: Tinha uma coisa na época... Você tem ali na parede a Bandeira-poema “Seja marginal, seja herói” do Hélio Oiticica. Esse marginal tinha um contexto bem diferente. Tive um namorado que dizia que algumas festas dos anos 1970 na zona Sul eram frequentadas por marginais do morro.

HT: Tinha com o Hélio Oiticica, que adorava o morro, não saía do morro. Mas era um *gay* doido por um negão. É diferente, completamente, de numa sociedade aberta aos negros.

AC: Não tinha então essa proximidade...

HT: Era a elite, da elite, da elite...

AC: Cidade partida...

HT: Só ficou assim mais intenso por causa da coisa da ditadura, aí todo mundo se juntava, enfim, tortura, frenesi, sequestro, não sei o que lá... aí ficou tenso. Mas, se não, era uma bobajada.

Teve uma conjuntura perigosa e as pessoas ficaram mais acesas, mas vai ver “O fim” para você ver o besteiro. Casais absurdamente idiotas. E é igual! Igual, igual, igual. [risos]

AC: Bom, eu vou ver depois. Você recomenda?

IA: Pô, maravilhoso.

HT: Mas se vocês quiserem, a gente volta, tá? Porque esse negócio de entrevista, quando a gente escuta, faltou tudo. Podem voltar, eu adoro.

CS: Heloisa, você é muito generosa...

IA: Se está oferecendo a gente vai aceitar!

CS: Está oferecendo biscoitinho, cafezinho...

HT: Tô mesmo! O meu negócio é esse, eu vivo para isso, meu trabalho é esse.

IA: É muita coisa, muita informação e estávamos querendo falar de tudo...

HT: Mulheres! Se vocês fossem homens eu não estava aqui não! [Todas riram]. Imagina, ficar falando coisa pra homem!

AC: Parei [de gravar].

E paramos todas.